

DE *FOGO MORTO*: MUDANÇA SOCIAL E CRISE DOS PADRÕES TRADICIONAIS DE MASCULINIDADE NO NORDESTE DO COMEÇO DO SÉCULO XX

*Durval Muniz de Albuquerque Júnior**

Resumo

Este texto analisa a crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste, no começo do século XX. Partindo da metáfora sugerida pelo título do romance de José Lins do Rego, *Fogo morto*, o texto procura abordar a relação que está presente no discurso literário do autor entre o declínio da economia açucareira e da sociedade do engenho bangüê e a crise de um certo padrão de masculinidade, de certas formas de ser homem que haviam predominado na chamada sociedade patriarcal. Não era apenas o engenho que estava de fogo morto, mas também toda uma geração de homens que viviam uma profunda crise de identidade ao não poderem mais atualizar em suas vidas o modelo de sujeito masculino representado pelos patriarcas dos engenhos, seus avôs. A emergência progressiva de uma sociedade urbano-industrial e de novos padrões burgueses de sociabilidade, bem como da família nuclear, solapava as identidades desses homens, que viam amedrontados a emergência do que consideravam a feminização da sociedade, a desvirilização dos costumes. Homens perdidos, homens de engenho.

Palavras-chave: Mudança social, crise da masculinidade, Nordeste, discurso literário, José Lins do Rego.

* Professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal).
E-mail: durvalal@uol.com.br

A obra literária de José Lins do Rego já tem sido suficientemente utilizada por historiadores e cientistas sociais para abordar o que teria sido o processo de declínio e decadência da produção açucareira nordestina no começo do século XX, com a substituição progressiva dos engenhos bangüês pelas usinas, e as conseqüentes mudanças nas relações sociais e de poder que teriam levado ao declínio de um patriarcado rural e de uma forma de vida rural que progressivamente ia sendo substituída por padrões urbanos de sociabilidade e sensibilidade. Apontada como a expressão literária desse processo de decadência de uma classe social e de uma região que se viam submetidas às novas condições sociais e históricas que emergiam com o desenvolvimento da sociedade capitalista e burguesa no Brasil, a obra de José Lins do Rego, no entanto, apresenta outras facetas que ainda não foram suficientemente abordadas pelos estudos acadêmicos.

Neste texto tomarei a obra literária de José Lins do Rego, mais particularmente o seu livro *Fogo morto*, publicado pela primeira vez em 1943, como um discurso masculino que aborda, a partir do ponto de vista dos homens, o que me parece ser a crise das formas e padrões de masculinidade que predominaram na sociedade escravista e que estavam sendo questionados pelas novas relações sociais que vinham se estabelecendo desde o final do século XIX e com maior intensidade nas primeiras décadas deste século.

O romance é composto pela história de três homens de condições sociais distintas: José Amaro, artesão de artefatos de couro, vivendo de favor há muitos anos nas terras do engenho Santa Fé, homem que preza substancialmente sua autonomia, orgulha-se de nunca ter trabalhado para senhor de engenho nenhum, a não ser de livre e espontânea vontade; o coronel Lula de Holanda, bacharel cidadão, casado com uma filha de senhor de engenho, que não demonstra nenhuma habilidade no trato com os escravos e com os trabalhadores livres após a abolição e vê lentamente sua condição de aristocrata do açúcar ser destruída pelas mudanças econômicas e sociais em curso, e Vitorino Carneiro da Cunha, o Papa Rabo, filho de família que dominou a política e a economia da Paraíba no período do Império, mas que já pertence a uma parcela empobrecida da família. Por esse fato, parece ser o personagem que transita entre os dois grupos sociais distintos, representados por José Amaro e Lula de Holanda, relacionando-se tanto com a elite como com

os pobres, pensando em fazer desse fato a possibilidade de ascensão política, de resgate da posição social perdida.

O romance *Fogo morto* me parece uma excelente fonte para tratar não só da crise dos modelos de masculinidade predominantes na sociedade escravista, sociedade que Gilberto Freyre chamou de patriarcal, mas também para refletir como um autor, como um homem, um bacharel, um intelectual refletia, vivia, via e dizia esse processo de mutação na forma de ser homem. O que os estudos acadêmicos parecem ter negligenciado até hoje, ao tratar a obra de José Lins do Rego, é o fato de que o autor é um homem que reflete sobre esse processo de mutação histórica com um olhar masculino. Há uma clara marca de gênero nos escritos de José Lins do Rego. Sua obra literária é a narrativa não apenas do declínio social e econômico da aristocracia tradicional dos engenhos, mas é o canto do cisne de formas de ser homem que estavam se tornando cada vez mais inadequadas à nova ordem social. Ela fala de modelos de masculinidade que já não podiam mais ser atualizados pelos sujeitos, naquele novo contexto social. O discurso de José Lins do Rego é o discurso de um homem que vive com muita angústia a desterritorialização subjetiva dos homens, ao longo do século XX. Ele próprio é um sujeito masculino que vive com muita angústia e sofrimento o fato de que já não se pode ser homem como antigamente, como fora seu avô. José Paulino, na obra de José Lins do Rego, não é apenas um modelo de senhor de engenho, de coronel que não pode mais ser atualizado, é também um modelo de ser homem que o tempo tornou obsoleto.

A meu ver, a obra de José Lins do Rego, ao abordar “a decadência do patriarcalismo no Nordeste do Brasil, com suas inúmeras tragédias e misérias humanas” (CARPEAUX, 1965, p. XV), tem como tema central – o que não foi ainda abordado com a ênfase merecida – as mudanças nas relações familiares, nas relações de gênero, vistas preferencialmente a partir do olhar masculino. Abordada até hoje mais como um discurso que fala de mudanças econômicas, políticas, sociais ou mesmo de valores, pouco se tem atentado para o fato de que a obra de Lins do Rego é um discurso sobre homens em crise, impossibilitados de continuarem reproduzindo determinados padrões de comportamento, determinados valores, hábitos, costumes, relações. É o discurso sobre a crise de uma forma hegemônica de ser pai, de ser marido, de ser filho, de ser homem, de ser macho que estava ficando impossibilitada pelo desenvolvimento e

progressiva hegemonia de padrões urbanos de sociabilidade e pelas mutações nas relações de gênero trazidas pela sociedade moderna.

Fogo morto fala de homens em crise, homens que parecem não entender as mudanças que estão ocorrendo em suas vidas e na sociedade que os rodeia. Homens para quem o mundo parece cada vez mais estranho, onde todos parecem estar contra eles, mundo sentido como se fossem grades de ferro que parecem encurtar cada vez mais o espaço que era deles anteriormente. Mundo tão ameaçador que o desejo predominante em todos os personagens masculinos é dele fugir, dele se esconder, dele se isolar. A solidão masculina parece ser o primeiro grande tema dessa obra de José Lins do Rego, nela você se vê diante de personagens que não conseguem entender o que há de diferente com eles, porque a linguagem que dominam parece já não ser entendida pelos que estão à sua volta. Homens que buscam se fazer entender, transmitir os seus desejos, simular com eles territórios existenciais para habitarem, mas que só encontram como resposta a incompreensão. Homens cada vez mais ensimesmados, calados, remoendo internamente suas dores, angústias, dúvidas, incertezas. Homens que não se comunicam mais, que se tornam cada vez mais mudos e secos porque já não dominam os códigos do mundo que os rodeia. As verdades e certezas que ordenavam suas vidas parecem já não ser partilhadas por suas mulheres, por seus filhos, por aqueles que são de uma condição social igual ou diferente da sua. O mundo parece estar em desordem, os conceitos que antes serviam para se orientar no mundo, entendê-lo e explicá-lo parecem todos inadequados agora:

O mestre, então, teve vontade de falar com a família, de abrir-se com os seus, de sentir um agrado da sua filha. Era raro aquilo que sentia naquele instante. Era duro demais, era como um cardeiro cheio de espinhos. (REGO, 1965, p. 25)

Lula era como se não soubesse das dificuldades por que passavam. Só ela tinha os olhos para ver o Santa Fé como estava, na petição de miséria em que vivia. Lula, naquela devoção, no seu rezar, era como um homem de outro mundo, fora de tudo que fosse da terra, indiferente ao seu tempo... Todos em sua casa pareciam de um mundo que não era o seu. (REGO, 1965, p. 161)

Quando lhe vinham falar das brigas do Pilar, das eleições disputadas, falava de Nunes Machado, do pai morto como um

bandido. Tudo o que queria era viver só, sem visitas, sem festas, com seu engenho dando o que lhe desse. (REGO, 1965, p. 167)

O Capitão Tomás dera também para andar sozinho pela várzea, subir os altos sem um destino certo. Não olhava para coisa nenhuma. Andava, andava, e horas depois voltava para a rede e lá permanecia, sem dar uma palavra. Era mais uma sombra que uma criatura. (REGO, 1965, p. 197)

Os personagens masculinos de *Fogo morto* vivem trajetórias semelhantes, marcadas pelo crescente desmoronar de suas relações, seja com os amigos, com os parentes, com os filhos e, principalmente, com as mulheres. Homens cada vez mais sós, que não podem mais ser como já teriam sido, seja socialmente, dado o declínio social que atinge alguns deles, seja pessoalmente, na medida em que vêem suas famílias desmoronarem, seu poder de pai, marido, sogro, chefe, patrão cada vez mais ser contestado, desafiado, diminuído. O segundo grande tema desse romance é a crescente impotência masculina, seja socialmente, seja fisicamente. Homens que vêem seu poder solapado, afrontado, desrespeitado. Homens desfeiteados, que vêem sua identidade de macho se desmanchar lentamente. Homens que se tornam sombras do que eram, que perambulam como simulacros e fantasmas pela casa, pelo engenho, pelas estradas. Homens a quem ninguém mais respeita, nem os pobres, nem os negros, nem as crianças, nem as mulheres. Homens que vivem da aparência, que tentam através da retórica inflamada, das constantes afirmações verbais da masculinidade, de sua macheza, compensar a clara decadência e impotência, tornando-se como Vitorino Carneiro da Cunha um simulacro grotesco dos antigos coronéis, chefes de clã e machos que povoavam a sociedade do engenho:

Há uma semana que tinha sido posto para fora de sua casa pelo senhor de engenho. A mulher fora passar uns dias na casa do compadre Vitorino. E nunca em sua vida se vira tão só, tão separado do mundo. Se não fosse o negro Passarinho que estava dormindo em sua casa, não teria com quem trocar uma palavra... Na rede, deitado, sem coragem de botar os pés fora de casa, era como se estivesse numa cadeia, preso, domado por um poder que não venceria. Se saísse de casa veria os meninos correndo, as mulheres fechando as portas, com medo de sua cara. Era ali

que sua mágoa mais o feria. Sabia que Sinhá não queria mais vê-lo. Aquilo de ir passar dias na casa da comadre era desculpa, vontade de viver separada de um marido que odiava. Toda a razão estava com ele. Não tinha razão a sua mulher, não tinha razão o senhor de engenho. Todos eram contra ele. Aqueles meninos, aquelas mulheres, aquele Coronel Lula, todos do mundo que o cercava eram grades de ferro que o prendiam, que faziam de um homem trabalhador como ele um monstro, um perigo, um criminoso. (REGO, 1965, p. 207)

Homens como José Amaro, que vive em busca de respeito, que, embora pobre, não quer ser tratado como um traste, sente necessidade de insistentemente afirmar que é gente, que não leva grito de ninguém, embora lamente com tristeza que seu ofício esteja cada vez mais desvalorizado – as selas e arreios feitos nas cidades vinham substituindo seu artesanato de beira de estrada de engenho. Seu trabalho, que era um elemento fundamental na elaboração de sua identidade de sujeito masculino, de homem pobre, mas livre, autônomo, branco e orgulhoso, vinha desmoronando. Agora já tinha de trabalhar para camumbembe, já ia longe o dia em que era disputado pelos senhores de engenho para cuidar dos arreios dos animais de carga do engenho ou dos seus cavalos de estimação:

– Pois fique sabendo. Se fosse para você, dava de graça. Para ele nem a peso de libra. É o que digo a todo mundo. Não agüento, grito. Mestre José Amaro é pobre, é atrasado, é um lambe-sola, mas grito não leva.

O mestre cortava material para os arreios do tangerino do Gurinhém. Estava trabalhando para camumbembes. Era o que mais lhe doía. O pai fizera sela para o Imperador montar. E ele ali naquela beira de estrada, fazendo rédea para um sujeito desconhecido. (REGO, 1965, p. 9)

No romance de José Lins do Rego, José Amaro representa o homem do povo, o homem pobre livre que vivia nas fimbrias da sociedade escravista, mantendo relações de dependência, respeito, admiração e, por vezes, rebeldia em relação aos grandes proprietários de terra. Artesão, José Amaro faz questão de se dizer branco e destila um acentuado preconceito em relação aos negros, de quem necessita claramente se

diferenciar. Pobre, sim, mas não negro, um preconceito de cor que traduz também uma rejeição ao lugar social ocupado pelo negro, seja de escravo, seja de “cabra da bagaceira”. A submissão social desses homens livres pobres parecia ser compensada pela relativa autonomia de que gozavam, seja nas suas atividades econômicas, seja nas suas relações sociais. Embora obedecessem à orientação do proprietário da terra em que eventualmente moravam, podiam migrar para outras terras, em caso de conflito, e se apadrinharem de outros poderosos, o que significava uma relativa autonomia. José Amaro, no entanto, parece ser um signo da própria dissolução desse lugar do homem livre pobre na antiga sociedade escravista. Embora orgulhoso de seu ofício, via este ser substituído pela manufatura urbana. Alegando ser um cidadão e votar em quem bem entendesse, sem obedecer a nenhum mandão, termina por descobrir dolorosamente quão curta era sua autonomia ao ser despejado da propriedade em que morava há décadas:

– Não estou caducando. O que eu digo, para quem quiser ouvir, é que em mim ninguém manda. Não falo mal de ninguém, não me meto com a vida de ninguém. Sou da minha casa, da minha família, trabalho para quem quiser, não sou cabra de bagaceira de ninguém.

– Não estou ofendendo. Eu digo aqui, todos os dias para quem quiser ouvir: mestre José Amaro não é um pau-mandado. Agora mesmo passou por aqui um carreiro do Coronel José Paulino. Pergunte a ele o que foi que lhe disse. Não aceito encomenda daquele velho gritador. Não sou cabra de bagaceira, faço o que quero. O velho meu pai tinha o mesmo calibre. Não precisava andar cheirando o rabo de ninguém.

– Não estou zangado, estou dizendo a verdade. Sou um oficial que não me entrego aos mandões. Quando a gente fala estas coisas vem logo um pobre como você dizendo que eu estou zangado. Zangado por quê? Porque digo a verdade? Sou eleitor, dou o meu voto a quem quero. (REGO, 1965, p. 11)

José Amaro, assim como Vitorino, procura compensar sua fragilidade, sua impotência, com uma agressividade no falar e no comportar, o que só os tornam mais solitários, incompreendidos, quando não ridículos e risíveis. José Lins fala em *Fogo morto* de homens cujos desejos parecem já não encontrar possibilidade de se realizar, que já não

dispõem de formas de expressão que possam fazê-los se tornarem territórios existenciais. Homens que, nas atitudes de desprezo pelo mundo que os cerca, pelas pessoas que os rodeiam, veiculam sua inadequação às novas relações sociais que iam se estabelecendo, relações de poder em que já não ocupavam mais o lugar de antes, relações em que o saber ser homem que haviam aprendido parecia não mais servir. Parecia que o mundo, antes hierarquicamente ordenado, estava em total desordem. Os negros saídos da escravidão já respondiam aos brancos, já adotavam posturas que pressupunham ser iguais às dos brancos, os poderosos de antes; os coronéis agora morriam de medo de um cangaceiro que parecia dar ordens a todos; os senhores de engenho, antes tão ciosos de seu orgulho de casta, que não obedeciam ao governo e faziam em seus domínios o que queriam, agora se viam desfeiteados por delegados, juizes e soldados de polícia. E, mudança mais sentida, as mulheres pareciam não mais se conformar com o lugar que havia sido definido para elas, agora já vinham até à sala falar alto e se meter nas conversas de homens, já respondiam aos maridos, muitas vezes devotando-lhes verdadeiro ódio. Já existiam até mulheres que não queriam se casar e que eram responsáveis pelo sustento da família. Tudo estava de pernas para o ar, as hierarquias vistas como naturais estavam sendo solapadas.

Na casa de José Amaro, Sinhá tinha a língua solta, casara-se para não ficar no caritó, mas não devotava nenhum amor ao marido, sempre lhe respondia e não concordava com suas idéias. Foi odiando cada vez mais o marido, dele se desligando até abandoná-lo à medida que ele não compreendia o sofrimento da única filha que tinham. Moça estranha, que chorava por qualquer coisa, triste, sem vontade de se casar. Não ter tido um filho homem que pudesse continuar o seu ofício, ou reproduzir o modelo de masculinidade que representava, faz de José Amaro um homem triste e magoado, que culpa constantemente a mulher por não ter-lhe dado o filho varão que tanto almejava. Sua incapacidade de compreender o feminino faz de José Amaro alguém que vive com medo de um complô das mulheres – estas parecem sempre estar tramando contra o seu poder. Irrita-se com as longas conversas sussurradas que sua mulher mantém com a filha ou com a comadre Adriana, quando esta vem visitá-los. O mesmo acontece com Lula de Holanda, ao ouvir D. Amélia orando por sua filha com a ajuda de duas negras. Para esses homens, as mulheres são seres estranhos, perigosos, de quem

se deve esperar a qualquer momento uma traição, por isso não podem ser tratadas com delicadeza, com elas se deve estar sempre alerta. As mulheres são ameaças constantes ao poder dos homens:

O mestre José Amaro deixou o Coronel Lula, e a mulher, que atravessava pela sua frente com um feixe de lenha nas costas, tomou conta dele, outra vez. Quis falar com ela, mas parou no meio da palavra que lhe saíra da boca, e para corrigir-se bateu com mais força na sola que trabalhava. Era a sua mulher Sinhá e não podia esconder o seu ódio por ela. Agora via a filha sair de casa com uma panela na cabeça, caminhando para o chiqueiro dos porcos. Era de fato sua filha, mas qualquer coisa havia nela que era contra ele. (REGO, 1965, p. 16)

Seu Lula voltou para o quarto dos santos. Lá encontrou Amélia tirando o terço. Havia velas acesas no oratório. O que Amélia, naquele instante, pediria a Deus? Ficou parado sem saber se devia ajoelhar-se ou voltar para a sala de visita. Ouvia bem o Padre-Nosso, na voz de sua mulher, a Ave-Maria, o tom triste, magoado como Amélia puxava as orações para as duas negras responderem. Quis ficar ali, mais uma coisa secreta lhe dizia que tudo aquilo era contra ele. A mulher rezaria para que Deus não lhe desse força para defender a sua filha do casamento ruim. Era que todos de casa se voltavam para destruir o seu poder... (REGO, 1965, p. 189)

José Amaro teme e se irrita com a solidariedade das mulheres e revida com a violência. Numa das surras que aplica em sua filha, esta enlouquece, aumentando sua angústia e levando ao extremo sua incapacidade de demonstrar afeto. Esta parece ser a terceira temática central em *Fogo morto* e uma característica nuclear do masculino: a incapacidade de comunicar afeto, de usar da linguagem do amor. Os homens são secos e embrutecidos, por isso mesmo apartados do mundo das mulheres. José Lins do Rego parece tratar aqui de uma das mais doloridas características do ser masculino naquela sociedade tradicional: a de não poder expressar sentimento. A dor masculina é vivida em silêncio, os afetos não acontecem, o choro é algo que se deve esconder. Com a diminuição da capacidade de afetar outros corpos, os corpos masculinos parecem perder o encanto, enrijecer-se até a petrificação e a ruína, homens que despencam, que se quebram como galhos secos:

E o mestre, de cabeça baixa, ficara no ofício. Ouvia o gemer da filha. Batia com mais força na sola. Aquele Laurentino sairia falando da casa dele. Tinha aquela filha triste, aquela Sinhá de língua solta. Ele queria mandar em tudo como mandava no couro que trabalhava, queria bater em tudo como batia naquela sola. A filha continuava chorando como se fosse uma menina. O que era que tinha aquela moça de trinta anos? Porque chorava, sem que lhe batessem? Bem que podia ter um filho, um rapaz como aquele Alípio, que fosse um homem macho, de sangue quente, de força no braço. (REGO, 1965, p. 8-9)

O feminino representa o limite de poder do masculino que incomoda, José Amaro queria um mundo dito no masculino, não entendia esses seres estranhos e perigosos que eram as mulheres, chorando por tudo, insatisfeitos com aquilo que, para ele, parecia o mais desejável. O fato de ter apenas uma filha e não um filho parece ser mais um indício de que o mundo dos homens estava em declínio, não haveria um macho para suceder-lhes e atualizar os códigos de masculinidade que encarnavam. O coronel Lula de Holanda padecia do mesmo destino, além de ser casado com uma filha de um senhor de engenho que não tivera herdeiro varão, também era pai de uma menina, por quem nutria grande paixão, atormentado de ciúme com medo que ela caísse nos braços de qualquer homem, terminando por levá-la à morte. As mulheres que demarcavam as fronteiras do masculino pareciam estar fazendo o mundo se deslocar de seus eixos, tornando os limites de gênero cada vez mais confusos. O mundo moderno parecia significar a feminização do social, elas pareciam vir assumindo as rédeas de um mundo em que os homens pareciam cada vez menos aptos para controlá-lo.

Vitorino Carneiro da Cunha, embora arrote permanentemente sua macheza, não passa de um homem infantilizado de quem a esposa, Adriana, toma conta, como se cuida de um menino. “Mulher teimosa, de vontade, de opinião” (REGO, 1965, p. 20), vive percorrendo os engenhos castrando frangos para poder sustentar a casa, enquanto Vitorino perambula pelas estradas, em sua besta estropiada, dizendo que está resolvendo grandes negócios, enfrentando grandes causas e lutando para uma reviravolta política no município que colocasse abaixo o poder de seu primo José Amaro – coronel que, ao contrário dele, parece ter se adaptado aos novos tempos, aceito os limites que as novas relações de poder lhe

impunham, aliando-se às novas forças sociais emergentes, como os usineiros, os banqueiros, os comerciantes etc. Vitorino sonha em restaurar o poder discricionário e sem peias dos antigos senhores que não respeitavam governo, mas que não deixavam um pobre sem proteção.

José Lins do Rego fala de uma mutação histórica nas relações entre os gêneros naquele momento de transição entre uma sociedade agrária e escravocrata para uma sociedade urbana e industrial, moderna. A partir do olhar masculino, ele fala do estranhamento e da dor com que os homens vêem seus lugares de poder serem ocupados pelas mulheres. José Lins do Rego fala de uma geração de homens fracos, homens urbanizados, bacharéis que são incapazes de atualizar os códigos tradicionais da masculinidade. Lula de Holanda é o símbolo do processo, homem citadino, filho de um comerciante herói da Confederação do Equador, homem de modos requintados, homem muito diferente daqueles rústicos e embrutecidos dos engenhos, homem que aprecia a música e trata sua esposa com muito afeto, mas um homem que oscila, no trato com os subordinados, da crueldade à completa incapacidade de comandar. Homem tíbio, desinteressado das coisas da terra, homem que não possui o traço mais importante no perfil dos homens da sociedade escravista, ou seja, não sabe ser obedecido, dar ordens, mandar, por isso deixa o seu engenho ir à ruína:

A princípio o capitão estranhou o jeito caladão do primo. Ficava o rapaz naquela rede do alpendre horas inteiras, lendo jornais velhos, virando folhas de livros. Não era capaz de pegar um cavalo e sair de campo afora para ver um partido. Em todo caso tomou por acanhamento. Sem dúvida que não achava que fosse direito estar a se meter na direção do engenho. Mandasse o sogro. O velho, porém, quis pôr o genro à vontade, e um dia falou-lhe. Dava-lhe o partido de cima para que tomasse conta. Ele ali seria como filho, teria toda a força de mando. O rapaz ouviu calado as palavras do capitão e deu para sair pela manhã para olhar os serviços. Os negros se espantavam com aquele senhor de olhar abstrato, vestido como gente da cidade, sempre de gravata, olhando para as coisas como uma visita. O capitão não se satisfazia com a orientação do genro. Negro precisava de senhor de olhos abertos, de mãos duras. O genro pareceu-lhe uma leseira...

A filha se angustiava com a desconfiança do pai. De fato, o marido não parecia homem, como era sua gente. Era alheio à vida que o cercava... (REGO, 1965, p. 146-147)

Este é um tema recorrente nas obras de José Lins do Rego, ou seja, a decadência dos engenhos é constantemente atribuída a uma incapacidade das novas gerações de filhos de proprietários rurais, que estudaram nas cidades, que se tornaram bacharéis, em administrar com sucesso a herança deixada por seus pais. É com espanto e escândalo que se vêem mulheres como Dona Mariquinha, no caso do Santa Fé, terem de se tornar o homem da família, com mais iniciativa e expediente que os varões da casa:

Via que o genro não seria o homem para botar as coisas para a frente. Então dona Mariquinha do Santa Fé resolveu dar as ordens em seu engenho. Custara-lhe muito tomar aquela decisão. Era urgente. Ela bem vira no decorrer da safra que o genro não acudia as necessidades do engenho. Ela vira o caso do mestre de açúcar Nicolau, um negro de primeira ordem, que o Lula mandara surrar sem necessidade. Não gostava de ver negro apanhar assim, por qualquer coisa... E assim tudo começou a depender das ordens de D. Mariquinha. Era a senhora de engenho que vendia o açúcar aos cargueiros de Itabaiana. Às vezes pedia o genro para tratar de negócios no Pilar. E de lá saía ele de cabriolé, enchendo o mundo com o toque das campainhas. Agora D. Mariquinha pouco saía para as missas do Pilar. Ali em casa olhava para tudo, ordenava tudo. Os negros vinham lhe tomar a benção de manhã e de noite, o feitor chegava-se para pedir ordens. (REGO, 1965, p. 157-158)

Salta desta citação a forma como José Lins do Rego idealiza as relações sociais. Ele sonha com um mundo muito próximo daquele descrito por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala*, uma sociedade marcada por relações pessoalizadas, em que o afeto atravessasse todas as relações sociais. Uma sociedade hierárquica, mas onde as diferenças de classe, de raça, de faixa etária, de gênero seriam mediadas por relações paternalistas, ou seja, relações onde aquele que ocupa o lugar dominante na relação mantém laços de reciprocidade com aqueles que ocupam o lugar do dominado, ou seja, cada um reconheceria o seu lugar, mas

saberia que a manutenção deste implica direitos e obrigações para com o outro.

Em *Fogo morto*, Vitorino é o personagem que insistentemente lamenta a dissolução da ordem paternalista. Ele se incomoda com a emergência de uma sociedade em que o dinheiro se torna mais importante que o nome, a tradição, o sangue, em que o dinheiro compra a honra dos homens, fazendo estes se rebaixarem, se venderem. Uma sociedade em que a antiga autoridade tradicional, o mando senhorial, vinha sendo substituído pelo Estado. Os agentes do governo – o delegado, o juiz, a polícia, o cobrador de impostos – já não respeitavam o senhor de engenho como antigamente. Essas funções, que estiveram durante muito tempo nas mãos dos próprios coronéis, iam sendo substituídas pelo governo. O processo de governamentalização do Estado é sentido por Vitorino como desfeita, como desrespeito às antigas autoridades e só possível pela não-existência de homens como ele, de calibre, de sangue no olho, não se deixando mandar por ninguém.

Tanto Vitorino como José Amaro lamentam o desaparecimento progressivo do apadrinhamento, do paternalismo, da proteção que os fortes davam aos fracos. A admiração que José Amaro sente por Antônio Silvino nasce do fato de que, para ele, Silvino era o vingador do descompromisso dos grandes com os pequenos. Silvino assumia o lugar não mais ocupado pelos coronéis. Silvino obrigava os rapazes que desvirginavam as donzelas a casar, retirava os pobres da cadeia, protegia os mais fracos, tirava dos ricos e dava aos mais necessitados. Silvino incorporava a figura dos coronéis que estavam desaparecendo. Vitorino assume também esse mesmo lugar do protetor ao tomar a causa de José Amaro para si. José Amaro, que agora só acreditava na proteção de Silvino, o único homem de verdade que havia naquelas paragens, se vê defendido por Vitorino, que afronta o capitão Lula em defesa de sua não-saída da terra, terra em que morava há muito tempo de favor, sem nada pagar. Homem que a princípio desprezava, José Amaro vai ver em Vitorino a sombra pálida do que foram os antigos chefes e patriarcas rurais. Ao mesmo tempo, vai cobrar de Lula de Holanda a proteção que Seu Tomás, antigo dono do engenho, dera ao seu pai. Vê na distância com que este trata seus subalternos um traço de soberba e a falta do trato pessoalizado e afetivo do antigo senhor. As relações sociais tornam-se cada vez mais pragmáticas, frias, distanciadas, atravessadas pelo

dinheiro e pelo interesse. É a sociedade burguesa que espalha seus tentáculos por este mundo rural:

– Meu pai não pagava. Estamos nesta terra desde a vida do sogro do Coronel. Aqui fico. O Coronel Lula nunca me falou nisto. E eu lhe digo: não é mau homem. Eu não me acostumo é com a soberba dele. Para que tanta bondade, para que tanto luxo? A terra come a gente mesmo...

[...] Você passa por aqui para contar grandeza da casa dele. Está muito enganado, não me bota água na boca.

– Nada, mestre Zé, o senhor desconfia de tudo. Eu sei que o senhor não vai com o coronel, mas não é para chegar a este ponto.

– É bom parar, Seu Laurentino; sou homem pobre, sou um oficial sem nada. E estou contente. (REGO, 1965, p. 15)

Já Lula vê na desobediência de seu morador em abandonar a terra, também um sinal do fim dos tempos. Lula, o genro citadino, já não pauta suas atitudes por este código paternalista. Embora anacronicamente imagine-se um grande aristocrata, é apenas um simulacro destes porque não consegue ter com os subalternos e com a família o mesmo tipo de relação que um “verdadeiro” senhor de engenho mantinha. Age com violência com os negros por pura crueldade, infundindo medo e rancor e não respeito e obediência. D. Mariquinha percebe que o genro colocaria o engenho a perder e se dispõe a ser uma senhora de engenho que distribui ordens, mas também distribui favores e agrados que são tomados pelos subordinados como prova de bondade e de grandeza. Lula parece ser um burguês com sonhos de aristocrata, mas que não consegue se pautar por nenhum desses modelos de subjetividade, tornando-se um homem estranho para esses dois universos, um homem de transição entre dois modelos de masculinidade, um homem em transe, inadequado, que vive em fuga da realidade através do misticismo e da religiosidade. Casa estranha aquela, em que as mulheres davam ordens e não iam mais à missa do domingo e onde o senhor de engenho era carola, não perdia uma missa, fazendo intermináveis orações no quarto dos santos acompanhado de um negro que tinha cada vez maior ascendência sobre as vontades de seu patrão.

Lula não sabia destas coisas. Se não fossem suas galinhas, não teria recursos para, no inverno, mandar o boleiro Macário fazer a feira no Pilar. O marido, se soubesse que ela vendia ovos para a Paraíba, a Neco Paca, daria o desespero. A sua criação lhe dava este auxílio. Sempre gostara de tomar conta de suas galinhas. E agora era delas que se servia. Às segundas-feiras chegava ali o comprador e as dúzias de ovos lhe pagavam os quilos de carne verde da feira do Pilar. Nos tempos de seu pai a despensa vivia cheia. Mas nem pensava no passado. Tinha a sua vida difícil para viver. Pedira a Neco Paca para não falar a ninguém de seu negócio. Seria muito triste que soubessem, na várzea, que a senhora de engenho do Santa Fé sustentava a família com dinheiro de vendagem de ovos. Aquilo era muito bonito quando não havia necessidade dentro de casa, quando a senhora de engenho trabalhava como brinquedo como aquela D. Emília do Oiteiro, que ganhou um dinheirão vendendo cocada para os cassacos da estrada de ferro [...] Mas se soubessem que senhora do engenho do Santa Fé vendia ovos para sustentar a casa-grande, faria mangação [...] Um senhor de engenho sustentado pelo trabalho de sua mulher! (REGO, 1965, p. 198)

Outro traço marcante das três histórias que compõem *Fogo morto* é, justamente, a disposição das mulheres em continuar fingindo que o poder ainda se encontra com os homens, mesmo que eles não possam levar mais as coisas à frente. Elas aparecem como sendo os únicos personagens que têm clareza sobre o processo de declínio social e econômico que está ocorrendo para a sua família. São elas que assumem as responsabilidades pela manutenção da família nesse momento de dificuldade, mas agem de forma a não deixar isto claro para os homens que delas cada vez mais dependem. Elas compactuam com a simulação de que as coisas não mudaram, elas encenam com esses homens uma vida de aparência que se esboroa sempre que eles são afrontados de forma dura por situações que jogam por terra todo o seu teatro, como a expulsão da terra para José Amaro, a invasão da casa de Lula de Holanda pelo cangaceiro Antônio Silvino ou a prisão e a surra da polícia que sofre Vitorino:

– Comadre, o mestre José Amaro esteve aqui trabalhando no carro, e eu tive até medo de ir falar com ele. Me contou o moleque

que lhe levara o tabuleiro, que ele disse o diabo do Coronel e do povo da casa-grande.

– Qual, comadre, é tudo figuração. Ele fala assim de todo mundo. É um homem de muito falar. Quisera que meu marido Vitorino fosse como ele. Não estou me lastimando não. Vitorino é um homem de bom coração mais vive uma vida que dói na gente. Não tem jeito, não! É aquilo mesmo, quer chova quer faça sol. (REGO, 1965, p. 35)

José Lins do Rego nos faz pensar como as relações de gênero implicam que os sujeitos assumam determinados papéis e como eles são mutáveis nesse jogo relacional que envolve o masculino e o feminino. Estes são máscaras sociais, rostidades e corporeidades que se assumem e que podem vir a ruir a qualquer momento – homens e mulheres jogam um jogo atravessado por astúcias e angústias. Os homens de *Fogo morto* assumem máscaras rotas, puídas, que desabam diante dos percalços que enfrentam em suas vidas. As mulheres também participam, em solidariedade, dessa mascarada, mesmo que tenham uma clara percepção de que estão apenas representando um papel para agradar seus homens; essas máscaras já não têm contornos de verdade para elas. Às vezes, até por pena, essas mulheres evitam tornar claro para seus homens que eles não passam de bufões, figuras grotescas, a simular uma forma de ser masculino que não apresenta a menor correspondência com sua vida cotidiana, com suas práticas. Modelo e prática se distanciam tanto que mostram claramente as fissuras que os separam. O feminino seria o lugar de negação do masculino, da descoberta de seus limites, da revelação de suas encenações.

Os homens em *Fogo morto* parecem ter uma necessidade constante de verbalizar que são machos, como se estivessem à procura de convencer aos outros e a si mesmos. Tornam-se mais opressivos e autoritários nas relações com os seus familiares quanto mais impotentes e submissos se encontram socialmente. Mostram-se agressivos e prepotentes com aqueles que julgam fracos e inferiores como uma forma de compensar o crescente enfraquecimento e declínio social. Quanto mais se sentem infelizes, acuados pelas transformações que vêm ocorrendo na sociedade e nas relações de gênero, mais agressivos se tornam. A crescente perda de poder, de autoridade, de mando, a desonra, o rebaixamento são vividos por esses homens como se fosse o fim do

convívio social, da civilização, pensada até então como naturalmente masculina. Talvez, por isso, o discurso de *Fogo morto* seja ambíguo em relação a um possível retorno a um estado de natureza, de animalidade. Ora a natureza aparece como um refúgio para onde escapam esses homens que parecem não encontrar mais lugar na sociedade, ora como uma possibilidade ameaçadora para esses homens. José Amaro só encontra a paz quando deixa o clima asfixiante de sua casa, de sua família e dá longos passeios noturnos, nos quais ensaia uma simbiose com o meio, encontrando paz na contemplação da paisagem noturna, no seu encontro solitário com a natureza. Volta talvez a um paraíso perdido, onde ainda não existiam as mulheres e todas as exigências, responsabilidades, conflitos e dores que a existência delas significa. Mas, por outro lado, em suas perambulações noturnas, José Amaro começa a ser nomeado de lobisomem, chegando a um certo momento em que ele próprio começa a se questionar se não está virando bicho, se não se instalou nele um devir-animal. Sua procura por fugir das relações sociais e de gênero que se tornavam insuportavelmente opressivas e questionadoras de sua identidade masculina, pacientemente construída, o faz temer estar se tornando um monstro de quem todos fogem. Sua máscara masculina petrificada estava ficando monstruosa diante das mudanças de um mundo que ele não acompanhava, a modernidade o transformava num homem-bicho:

– Lá em cima chegou notícia de que está aparecendo lobisomem por aqui. Minha mãe até me disse: “Menina, volta cedo, toma cuidado com o escuro”. Este povo tem cada besteira... Também falam da caipora que pegou o sujeito na estrada, um tal de Pepé, caçador de lambu. Tudo mentira deste povo... (REGO, 1965, p. 63)

– E estão dizendo que é um tal de mestre José Amaro que deu para virar bicho.

É que está correndo que anda solto um lobisomem. Muita gente já viu o bicho. Viram o senhor nestes trajes, e correram com um medo danado. Mulher é bicho mofino mesmo.

De longe da casa, voltou a ouvir outra vez o canto triste. E sem poder explicar, começou o mestre a pensar no lobisomem. Apalpou o rosto, olhou para as unhas. O que tinha ele para fazer medo às mulheres?... (REGO, 1965, p. 18)

– Está com medo de quê?

- De nada Capitão Vitorino.
- Vocês todos pensam que sou bicho. Sou homem para ser respeitado.
- [...] Quando o carro do Capitão Lula de Holanda passava, corria gente para ver o monstro, todo bem vestido, com a família cheia de luxo, que ia para a missa... (REGO, 1965, p. 168)

As demonstrações de valentia pessoal, de coragem, aparecem em *Fogo morto* como um elemento que definia, na sociedade do engenho, o ser homem, o ser macho. No entanto, essas atitudes aparecem como obsoletas, fora do tempo e do lugar numa sociedade que se urbanizava, se “civilizava”, se modernizava. Aquelas atitudes extremadas, que antes constituíam a fama e o nome de um homem, agora eram tomadas como indício de atraso, de animalidade, de rudeza. Elas aparecem no romance como ridículas, grotescas, como sendo apenas figuração, representação teatral que já não correspondia a uma realidade. A valentia transforma-se em violência, em prepotência, em ignorância. A defesa da honra com as próprias mãos, pela ação direta, torna-se testemunho de desespero, o espernear de homens em declínio, que teimam em não aceitar o passar do tempo e as mudanças, que não percebiam que o mundo era outro:

- Aí Seu Lula chegou-se para perto do outro.
- O que ele está dizendo, hein, Amélia?
- Está falando do mestre José Amaro.
- Não adianta, hein, não adianta, capitão. Aqui nesta casa manda o senhor de engenho, hein, capitão?
- Vitorino levantou-se, e não se amedrontou.
- Comigo ninguém grita. Sou tão branco quanto você, Seu Coronel. Sou homem para tudo.
- D. Amélia, pálida, via que as coisas marchavam para um desastre. O marido, que há dois dias parecia tão calmo, tão sereno, agora era o mesmo Lula de sempre. O Capitão Vitorino, de pé, falava aos gritos. Apareceu o negro Floripes na porta, chegou o boleeiro Pedro, e Seu Lula a gritar com o capitão:
- Ponha-se para fora desta casa. Quem manda aqui é o senhor de engenho...
- Eu só não faço uma desgraça na porqueira deste engenho, por causa de D. Amélia – gritava Vitorino, de cima da burra. (REGO, 1965, p. 222-223)

O personagem Vitorino Carneiro da Cunha é emblemático dessa situação. Vitorino tenta pautar sua vida pelos códigos que definiam a masculinidade, o ser homem, o ser macho na sociedade tradicional do engenho, tornando-se um personagem completamente fora do tempo, deslocado, vivendo em descompasso com a realidade social de seu tempo e, por isso mesmo, tornando-se uma figura ridícula, grotesca, que vai se destruindo nos seus embates quixotescos com o mundo que o cerca. Enfrenta, em nome da honra e da valentia, situações nas quais não tem a menor condição de sair vencedor, terminando por ser socorrido várias vezes por seus parentes ricos, de quem fala mal e que ridiculariza por estarem se adaptando aos novos tempos, e por sua mulher, a quem trata com uma retórica toda depreciativa, mas de quem depende como uma criança e a quem é ligado afetivamente. Vítima das manguações dos moleques, que mostram o seu rebaixamento e o respeito que não mais possui, é alcunhado de Papa Rabo, uma referência tanto à prática do zoofilismo, ou seja, ele manteria relações sexuais com sua égua, o que reforça a idéia da animalização, quanto à insinuação de homoerotismo, fantasma que assombrava essa sociedade que se desmasculinizava:

Vitorino saltou da burra e se fez no punhal. Mas já estava dominado pelos soldados. E gritava:

– Tenente de merda.

– Amarre este velho, e vamos com ele para a cadeia do Pilar.

A tropa saiu com o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha todo amarrado de corda, montado na burra velha que os soldados chicoteavam sem pena. Corria sangue da testa ferida do capitão [...]. Os moradores vinham olhar e os homens se espantavam de ver o velho que todos sabiam tão manso, todo amarrado daquele jeito. Vitorino falava alto:

– Estes bandidos me pagam. (REGO, 1965, p. 226)

[...] Vitorino, na hora de embarcar, abraçou-se com a mulher que só fazia chorar.

– Acaba com isto mulher. Cadeia foi feita para homem. Me matam mas não me dobram. (REGO, 1965, p. 229)

Correu para perto do marido. Corria um fio de sangue de seu rosto. Era um homem branco, era um homem bom, uma criança sem juízo, e um desgraçado fazia aquilo com ele. (REGO, 1965, p. 43)

Talvez por viver num mundo de sonhos e ilusões, completamente alienado em relação às mudanças históricas que vinham inviabilizando completamente a atualização daquele modelo de masculinidade que pretendia encarnar, Vitorino é o único dos três personagens masculinos centrais na história que não adoece ou enlouquece. José Amaro termina por se suicidar após sofrer uma doença que progressivamente vai paralisando-o. Lula de Holanda sofre de ataques constantes que o vão tornando completamente alheio a tudo, prostrado, definhando lentamente:

A boa música de D. Amélia lavava mágoas e dores. Tudo se fora na enchente do tempo. Luís queria levá-la para o Rio. Não podia ficar ali para ver a desgraça de tudo. Vitorino não tinha consciência para sofrer. Não sofria, não era capaz de sentir que tudo se acabara, que eles em breve veriam o fim da família que fora tão grande, tão cheia de riqueza. (REGO, 1965, p. 243)

A doença e a loucura, aliás, são temas constantes na obra de José Lins do Rego. Aparecem como consequência do sofrimento, da angústia que as pessoas que vivenciam essas mutações históricas vivenciam. O mundo aparece cada vez mais estranho, fora da ordem, opressivo, assustador, porque já não se tem mais certeza de nada. O devir, para quem sonha com a estabilidade, com a não-mudança, é traumático. Esses traumas manifestam-se nos corpos, em forma de doença, ou na mente, em forma de loucura. Esses momentos de consciência extrema do desmanchamento de uma forma de ser homem, da crise de identidade masculina são marcados, neste romance, pelo choro masculino. Chorar só era permitido às mulheres, por ser demonstração de fraqueza e debilidade. Quando um homem chegava a chorar é porque estava acabado, estava no fim, sua macheza estava se esvaindo:

Então a velha Sinhá viu o que nunca vira em sua vida: Zeca num pranto de menino apanhado. O soluço rouco do marido era um partir de coração. Parada, ficou olhando para aquilo enternecida. Ele não podia falar. Só tinha os olhos para exprimir a dor profunda. Por fim num esforço medonho:
– Sinhá, ela está doida.
Não pôde chegar-se para perto do marido. Aquele cheiro de sola, aquela inhaca dos princípios do casamento encheu a casa inteira.

Um nojo terrível tomou conta dela. Era como se estivesse pegada a um defunto fedorento. E começou a engulhar com uma violência que não podia conter. (REGO, 1965, p. 103-104)

No fundo o Coronel Lula agradava. Parecia-lhe um homem aluado. (REGO, 1965, p. 29)

Em *Fogo morto* vários personagens femininos também adoecem ou enlouquecem, doenças estas motivadas, quase sempre, pela opressão masculina. Uma sociedade pensada no masculino parece não ter lugar para as mulheres, o mundo parece ilógico, porque os desejos femininos parecem não poder nunca se realizar. Só os homens parecem ter desejos e vontades, cabendo às mulheres obedecer. Marta enlouquece por ser rejeitada pelo pai, que sonhava com um menino para continuar a sua existência, é incompreendida permanentemente e castigada por manifestar desejos femininos, esquisitos e absurdos para o pai. O autor parece se referir ao que o discurso médico chamava de histeria e a atribui implicitamente ao fato de Marta não ter se casado, conhecido homem. Neném adoece vítima do ciúme possessivo do pai, ao ver que suas escolhas não podem se efetivar, é uma prisioneira do poder paterno. A doença e a loucura parecem ser linhas de fuga para essas vidas insuportáveis, fuga desses territórios cristalizados:

– Estava lá dentro, na cozinha, quando ouvi um grito e corri para ver o que era. Quando cheguei aqui e vi esta menina estendida, batendo com o corpo no chão como um bicho, não soube mais o que fiz. Eu bem que desconfiava que Marta tinha alguma coisa. Ela não me enganava.

O mestre José Amaro não deu uma palavra. Foram depois para a mesa da janta, e ele não falava. Comia devagar, e a mulher com aquela cara de desolação:

– Pobre da menina. Todo dia com aquela agonia, até que deu nisto. Direitinho como a filha de Joca Marinho. É doença de moça. Eu sei como é isto. (REGO, 1965, p. 56)

O suicídio parece ser a saída mais extremada para homens que se vêem desterritorializados, com a sua identidade masculina em crise. O autor apresenta, no entanto, outras formas de fugir da realidade, que demonstram a fraqueza e a debilidade de caráter desses homens. O

alcoolismo e o misticismo, que antes eram práticas características dos negros, dos pobres, dos cabras, dos submissos e dominados, tornam-se cada vez mais presentes no mundo dos brancos, dos homens das elites. Em *Fogo morto*, Lula de Holanda é um coronel que só vive freqüentando a missa, nos pés dos padres. Com o passar do tempo, essa é a única atividade que retira esse homem de casa. Neste romance de José Lins do Rego, os homens parecem sofrer uma progressiva feminização ou domesticação, à medida que se refugiam da hostilidade do espaço público dentro de suas casas. Só Vitorino, com seu nomadismo por estradas, praças e ruas, parece resistir a esse processo de domesticação dos homens ligados ao mundo rural, de perda progressiva do domínio do espaço público, cada vez mais ocupado por outros homens e até mesmo por mulheres. No interior de sua residência, Lula de Holanda se entrega, progressivamente, a um constante culto doméstico dos santos, com aspectos de misticismo africano, já que lhe serve como acompanhante e conselheiro constante o negro Floripes. Misturar-se com negro e como ele se entregar à religiosidade e ao misticismo extremado aparece no discurso de José Lins do Rego como mais um sinal da decadência do coronel, de sua incapacidade para ser um senhor de engenho como os de antigamente. Na sociedade tradicional do engenho, carolice era atributo feminino, os homens ocupavam-se dos negócios, da política e das aventuras amorosas:

Nisto passou pela estrada o cabriolé do Coronel Lula. Com as lamparinas acesas, com as campainhas tocando, encheu a boca da noite de vida.

– D. Amélia vai para o mês de maio – falou a mulher.

– É a vida que eles querem – retrucou o seleiro.

Ainda se ouvia como do fim do mundo as campainhas tocando.

– É por isso que não vão para diante.

– Cala esta boca, herege.

– Não acredito em homem que vive em pé de padre. (REGO, 1965, p. 26)

Minha velha, amanhã tenho que ganhar os campos. Não sou maricas para ficar assim dentro de casa. As eleições estão aí e nestes últimos dias nada tenho feito. Vou dar uma queda no José Paulino que vai ser um estouro. (REGO, 1965, p. 287)

Escrito em meados do século passado, *Fogo morto* é o discurso de um homem filho dessa elite agrária decadente, que, da distância temporal e espacial em que se encontra, avalia as mudanças que se produziram na forma de ser homem e mulher desde o começo do século, quando ainda era criança. O que José Lins do Rego analisa é a própria distância que separa a sua forma de exercer a masculinidade da forma como seus antepassados a exerceram. Em seu romance aparecem, pois, perfis masculinos e femininos que tanto remetem a formas de viver a masculinidade e a feminilidade que estavam desaparecendo, bem como a formas que estavam surgindo com a implantação definitiva da sociabilidade e da sensibilidade burguesa e urbana. Seus personagens aparecem postados entre formas distintas de pensar as identidades masculinas e femininas, em crise diante dos novos modelos de subjetividade que se apresentam no social, podendo optar por modelos que estão ficando obsoletos ou abraçar novos modelos. Mas, através de seus personagens principais, José Lins do Rego veicula um discurso saudosista em relação aos antigos modelos de masculinidade que prevaleciam, seja no seio das elites agrárias, seja entre as camadas populares. Seus personagens aparecem divididos entre os homens que dizem e querem ser e os homens que podem ser e são vistos e ditos pelos outros. Homens que sonham com uma forma fixa, um perfil inabalado, mas que se despedaçam ao longo da trama.

Em vários momentos da trama, esses homens se remetem a personagens do passado ou do presente que representariam a masculinidade que gostariam de assumir. José Amaro fala com admiração de Alípio, que uma vez na feira se fizera na faca e deixara um cabo e um soldado da polícia, que desfeitearam seu pai, de bofes para fora e não foi preso porque encontrou um coronel, outro homem de verdade, que não o deixou ir a júri. Todos se lembravam do Capitão Tomás Cabral de Melo,

homem duro, homem para amanhecer no roçado, de cacete na mão como feitor, fazendo a negrada raspar mato, furar terra, plantar cana. Não havia chuva que o impedisse de sair de casa, não havia sol quente que lhe metesse medo. (REGO, 1965, p. 8)

Vitorino fala com admiração de Rego Barros, acreditando que sua interventoria no Estado recolocaria as coisas nos eixos, já que seu pai fora um senhor de engenho em Mamanguape e “era homem de

cabelo na venta” (REGO, 1965, p. 136) e tinha ouvido dizer “que o filho era homem até dizer basta” (REGO, 1965, p. 216). Para Vitorino, os militares como Rego Barros e o seu filho Luís pareciam ser a última esperança para restabelecer os códigos sociais e de gênero que estavam sendo transformados, os militares pareciam ser a última reserva de virilidade, os últimos machos a pôr ordem nesse caos em que estava se transformando a sociedade, onde negros não mais respeitavam brancos, onde cangaceiros davam ordem a coronéis e onde mulheres gritavam com os homens.

Para José Amaro, no entanto, o modelo de homem, de macho, era o cangaceiro Antônio Silvino, ele era o vingador da humilhação dos homens pobres como ele, ele era o pequeno fazendo medo aos grandes. Antônio Silvino representava a valentia do povo do sertão, tão diferente daquele povo submisso da mata. Ele parecia assumir em suas mãos o poder e a coragem masculinas que estavam desaparecendo entre os homens das elites. Antônio Silvino é construído no discurso de José Lins do Rego, através do personagem José Amaro, como o modelo de homem nordestino. Sendo sertanejo, era o tipo que deveria assumir o poder na região, substituindo a decadente elite da várzea do Paraíba. O sertanejo é mostrado como a reserva de virilidade numa região que se feminizava, que decaía e se submetia por causa das elites do litoral, das cidades, bacharéis amolecidos e de punhos de renda. Mas, ao contrário de José Amaro, que olha do ponto de vista dos pobres, Vitorino, que tem um olhar de elite, vê Antônio Silvino como um bandido, que assumia ares de herói pela covardia dos novos coronéis. Silvino era possível porque faltava homem de verdade entre os senhores de engenho, ele não passava de uma afronta, um atrevimento de camumbembe desfeiteando gente de bem:

O mestre estremeceu com a palavra do homem. O nome de Antônio Silvino exercia sobre ele um poder mágico. Era o seu vingador, a sua força indomável, acima de todos, fazendo medo aos grandes. (REGO, 1965, p. 57)

Ele faria tudo para que o cangaceiro do povo resistisse ao tenente do governo.

Admirava a vida errante daquele homem, dando tiroteios, protegendo os pobres, tomando dos ricos. Este era o homem que vivia na sua cabeça. Este era seu herói. (REGO, 1965, p. 58)

Agora não estava cortando arreios de um velho doido, não estava fazendo sela para um camumbembe qualquer. Trabalhava para o grupo de Antônio Silvino. Cortava sola para cabras que já sabiam morrer no rifle, para gente que tinha sangue de macho.

O capitão dera-lhe ordem para que ficasse, e não podia fazer outra coisa. Por que não vinham todos eles, os senhores de engenho, arrastá-lo dali? Era que o Capitão Antônio Silvino tinha mais mando que todos juntos. (REGO, 1965, p. 267)

Essa perda de poder, de autoridade, de prestígio social, a debacle econômica da antiga elite dos engenhos são temas centrais em *Fogo morto*, e esses aspectos já têm sido suficientemente abordados. O que não se tematizou, ainda, é que essa decadência e impotência social se expressam no discurso de José Lins do Rego também em nível individual e corporal dos homens dessa sociedade. A decadência social torna-se decadência física, decrepitude, enfraquecimento, doença, loucura, morte dos antigos senhores da terra. A impotência social torna-se impotência física, corporal. Os personagens de José Lins do Rego corporificam esse processo histórico de mutação da sociedade do engenho para a sociedade onde prevalece a usina e a cidade. A crise social se expressa na crise pessoal desses homens, na crise de suas relações sociais e de gênero, na crise de suas famílias:

A mãe achava bonito tudo aquilo. Assim devia ser um marido, homem que vivesse perto da mulher, como gente, sem aquela secura, aquela indiferença de Tomás. Felizmente que a sua Amélia encontrara um homem de uma natureza tão boa, tão amorosa. As negras elogiavam os modos do jovem senhor. Parecia uma estampa de santo, com aquela barba de S. Severino dos Ramos, com aqueles modos de fidalgo, todo pegado com a mulher como só se via na história de príncipes e de princesas. O capitão era que não podia entender o gênio daquele rapaz. Lembrou-se de sua vida de casado no Ingá, dos primeiros dias, e achava tudo aquilo do primo como um absurdo. Não falava nada para não contrariar a filha, que era tudo que tinha. A outra estava perdida no Recife. Só lhe restava mesmo Amélia, que ele criara na fartura como filha de rico. O rapaz, pensou, não criava gosto pelo trabalho. Sentia-se velho e tinha medo de deixar o Santa Fé sem um pulso como o seu para governá-lo. Era um

engenho pequeno, que pedia um homem de seu calibre, homem que soubesse mandar, de tino, de força. O genro não lhe inspirava confiança. (REGO, 1965, p. 147)

A crise das famílias se expressa não só pelo fato de que as tensões entre homens e mulheres se exacerbam, pelas mutações ocorridas nesses lugares de sujeito, como na própria crise do casamento. Em *Fogo morto*, as moças, única esperança de continuidade das famílias de José Amaro e Lula de Holanda, não se casam: Marta, porque não encontra homem que queira uma moça estranha, esquisita, sempre trancada dentro de casa a chorar, e Neném, por não aceitar a antiga forma de realização do casamento, ou seja, aquela em que o pai escolhia o esposo da filha a partir da avaliação de interesses econômicos e políticos e, principalmente, da avaliação se o futuro genro tinha habilidades para continuar administrando o engenho. Neném quer poder escolher seu parceiro a partir do afeto que sinta por ele, o que não é aceito por Lula, que a enclausura e a proíbe de casar-se. José Lins do Rego parece falar aí da passagem do modelo de casamento predominante na sociedade escravista para o modelo romântico, mais de acordo com o individualismo burguês. Mas essa crise do casamento fica mais patente quando Luís, o filho de Vitorino, o único dos três personagens principais que tem um filho varão para lhe dar descendência, dar continuidade ao seu sangue, ao seu nome, não deseja se casar. Embora seja o orgulho do pai, Luís já é um homem completamente transformado pela formação militar e urbana que teve, já não partilhando dos mesmos valores que seu pai. Embora admire a sua coragem, Luís vê na forma de seu pai ser homem uma forma ultrapassada e não quer atualizá-la. Aliás, Adriana havia mandado o filho estudar fora porque já achava que Vitorino não era um bom modelo para o filho. O que notamos, portanto, é que José Lins do Rego estabelece um paralelo entre o fim de uma ordem social e o fim de um modelo de família. Não é só a estrutura social que não se reproduz, os homens que a compõem também. Morre a sociedade dos engenhos, acabam as famílias que a sustentaram:

[...] Tenho esta filha que não é um aleijão.

– Zeca tem cada uma... Deixa a menina.

– O que é que estou dizendo demais? Tenho esta filha, e não vivo oferecendo a ninguém.

A moça baixou a cabeça. Era pálida, com os seus trinta anos, de pele escura, com os cabelos arregaçados para trás.

O mestre José Amaro olhou firme para ela e continuou:

– Não se casa porque não quer. É de calibre, como a mãe. (REGO, 1965, p. 5)

A crise da sociedade chamada por Freyre de patriarcal se caracterizaria, também, pela crise da própria figura do pai, pela crise da paternidade. Pais que já não são modelos a serem copiados pelos filhos, pais cujos valores não são entendidos pelos filhos, que os contestam. Teria havido, no começo do século passado, no Nordeste, uma crise da paternidade, um crescente conflito de gerações, gerado muitas vezes pelas próprias decisões dos pais, por exemplo, ao mandarem seus filhos para as cidades para estudarem e se tornarem bacharéis. Muitos, sem saber, estavam criando uma barreira intransponível entre eles e seus filhos, que voltavam subjetivamente transformados, desapegados da terra, como visitas, olhando para seus pais como velhos caturras perdidos no tempo:

Fora sempre de seu ofício, sempre pegado no couro, cortando sola, batendo brocha. A terra lhe era distante. Viu a várzea coberta de lavoura, olhava as vazantes, os altos e nunca reparara que tudo aquilo era poder, era a força verdadeira do homem. Sabia que o homem tirava tudo da terra, que a terra paria tudo. Só agora depois de velho é que pudera compreender aquela beleza de uma noite, a paz da noite, sem a agressividade da luz quente. Aquela luz fria da lua entranhava-lhe de carne adentro. Sentia solidão. O que ele queria era viver só. Tudo o que o ligava à casa, à vida de sua casa, era como uma facada que lhe entrava no corpo. Porque não tivera um filho, porque não fora como seu pai, capaz de matar, de ser homem de coragem, de espírito pronto. (REGO, 1965, p. 85)

Este é, na minha opinião, o tema central de *Fogo morto*, ou seja, a descoberta pelos homens de que já não têm o mesmo poder de antes, seja sobre a nova sociedade que surgia, seja sobre sua própria casa, sobre seus filhos e suas mulheres, a descoberta dos seus limites, da impotência social que se explicita também na decadência física, na decrepitude, na velhice dos corpos. A dor da perda da autoridade sem contes-

tação se manifestando como facadas em sua carne. A experiência dolorosa de ver os lugares sociais se alterando, as relações entre o campo e a cidade, o rico e o pobre, o branco e o negro, o artesanato e a indústria, o homem e a mulher, o pai e o filho, o público e o privado sofrendo transformações. Mulheres mandando homens calarem a boca, fazendo má-criação. A necessidade constante desses homens em reafirmar que quem canta de galo em sua casa são eles. Gritos, xingamentos contra as mulheres que parecem nascer mais da impotência do que da real autoridade, tudo figuração. Chamar as mulheres de vacas, dizer que mulher só anda mesmo no chicote, parecem ser gestos extremados de quem se vê emparedado pelas mudanças em curso nas relações de gênero.

O título do romance, *Fogo morto*, não parece remeter apenas ao declínio dos engenhos bangüês, à decadência econômica, política e social dos senhores de engenho, dos homens que tinham na terra sua fonte de riqueza e de mando. Ela é uma metáfora para falar do declínio, de um certo modo social, de ser homem, para falar de um processo de desvirilização, que, segundo a ótica de José Lins do Rego, parecia ameaçar toda a região Nordeste. Os homens, como os engenhos, estavam ficando de fogo morto. Como os engenhos bangüês, já não botavam mais, já não fertilizavam as entranhas da terra e das mulheres, já não eram de nada. José Amaro já não dava mais no couro, seu martelo, símbolo fálico de seu poder, já não malhava a sola, já estava brocha. Lula de Holanda era um homem doente, homem que gostava de piano e missa, não se importando com a terra, não sabendo mandar. Vitorino, infamado de Papa Rabo, como era de costume, só da boca para fora mantinha seus encantos masculinos. Assim como o bueiro do engenho, outra referência ao poder masculino, não mais fumegava e já era até coberto por florzinhas azuis de uma jitirana, os personagens masculinos de *Fogo morto* já não eram mais nenhum pai de chiqueiro, não existiam como homens para suas mulheres. Terra, engenho e homens solidários na ruína, na debacle, na impotência:

Lula era para ela, ali dentro de casa, como se fosse um estranho. Há muito que ela não existia para ele. Em relação a ela, ele não era nada. (REGO, 1965, p. 196)

Quem visse o mestre, na quietude em que ficou, não podia imaginar o que andava dentro dele. Estirou-se na rede, e não quis saber de

nada. O negro Passarinho ainda procurou dizer-lhe alguma coisa e não lhe deu resposta. Tinha parado o mundo para o mestre. Viu a mulher com a trouxa na cabeça e não conseguiu uma palavra que o aproximasse de Sinhá. Ele bem sabia que era mais que morto para sua mulher. (REGO, 1965, p. 266)

Agora viam o bueiro do Santa Fé. Um galho de jitirana subia por ele. Flores azuis cobriam-lhe a boca suja.

– E o Santa Fé quando bota, Passarinho?

– Capitão, não bota mais, está de fogo morto. (REGO, 1965, p. 290)

ABOUT *FOGO MORTO*: SOCIAL CHANGES AND CRISIS OF THE TRADITIONAL MASCULINITY STANDARDS IN BRAZILIAN NORTHEASTERN IN THE BEGINNINGS OF THE XXTH CENTURY

Abstract

This paper analyzes the crisis in the traditional male standards in the northeast of Brazil in early 20th century. Based on the metaphorical title *Fogo morto*, a novel by José Lins do Rego, this text focuses on the relation, found in the writer's literary discourse, between the decline of sugar economy along with the mill bangüê society and the crisis in a certain male standard related to some men's behavior that had prevailed during the so called patriarchal society. Indeed, not only did the mill have its fire extinguished but also all those men who had deep identity crisis for not being able to keep up with the individual male pattern boasted by the mill patriarchs, their grandparents. A continuous urgency for an urban-industrial society and new bourgeois standards of sociability as well as a nuclear family undermined those men's identities who frightfully faced the emergency for the feminization of a society, or an unmanned pattern of customs. As a result, lost mill men!

Key words: Social change, male crisis, northeast, literary discourse, José Lins do Rego.

Referências

CARPEAUX, Otto Maria. O brasileiríssimo José Lins do Rego. In: *Fogo morto* (Prefácio). 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.